

4. O MEIO É A MENSAGEM

Olga Pombo

A tese central

Marshall McLuhan parte de uma **tese central**: o Meio é a Mensagem.¹ Trata-se de uma formulação excessiva pela qual o autor pretende sublinhar que o meio, geralmente pensado como simples canal de passagem do conteúdo comunicativo, mero veículo de transmissão da mensagem, é um elemento determinante da comunicação.

Enquanto suporte material da comunicação, o meio tende a ser definido como transparente, inócuo, incapaz de determinar positivamente os conteúdos comunicativos que veícula. A sua única incidência no processo comunicativo seria negativa, causa possível de ruído ou obstrução na veiculação da mensagem. Pelo contrário, McLuhan chama a atenção para o facto de uma mensagem proferida oralmente ou por escrito, transmitida pela rádio ou pela televisão, pôr em jogo, em cada caso, diferentes estruturas

¹ Em co-autoria com Quentin Fiore, McLuhan publica em 1967 uma obra com o título, The Medium is the Message: An Inventory of Effects, Harmondsworth: Penguin.

perceptivas, desencadear diferentes mecanismos de compreensão, ganhar diferentes contornos e tonalidades, em limite, adquirir diferentes significados. Por outras palavras, para McLuhan, o meio, o canal, a tecnologia em que a comunicação se estabelece, não apenas constitui a *forma* comunicativa, mas determina o próprio *conteúdo* da comunicação.

Partindo desta tese central, McLuhan vai desencadear uma **dupla operação**: 1) estudar a evolução dos meios comunicativos usados pelos homens ao longo da sua História e, 2) identificar as características específicas de cada um desses diferentes meios de comunicação. São estes dois vectores de investigação que estão na raiz das suas **duas obras fundamentais**, a saber: Understanding Media², de 1964, na qual procura determinar as propriedades diferenciadoras de cada um dos meios de comunicação ³ e The Gutenberg Galaxy ⁴ de 1962 - a sua obra mais importante - na qual procede à análise da evolução mediática, a seu ver determinante das transformações da cultura humana.

² Understanding Media: The extensions of Man, New York: McGraw-Hill Book Company, 1964 de que, neste **Caderno**, se apresenta a tradução do último capítulo.

³ A palavra, a escrita, a imprensa, a roda, o avião, a fotografia, o automóvel, a publicidade, o telégrafo, o telefone, o cinema, a rádio, a televisão, são alguns dos títulos dos capítulos sobre os quais McLuhan aí debruça

⁴ The Gutenberg Galaxy: The making of Typographic Man, Toronto: University of Toronto Press, 1962, obra da qual oferecemos *adiante* a tradução de alguns extratos.

As três galáxias.

Nessa evolução distingue McLuhan **três grandes períodos, culturas ou galáxias.**

A **cultura oral ou acústica**, própria das sociedades não-alfabetizadas, cujo meio de comunicação por excelência é a *palavra oral (dita e escutada)*, **a cultura tipográfica ou visual (Galáxia de Gutenberg)** que caracteriza as sociedades alfabetizadas e que, pelo privilégio atribuído à *escrita* e, conseqüentemente, à *leitura*, se traduz na valorização do sentido da *vista* e **a cultura eletrônica**, de que se podem já hoje pressentir alguns sinais e que é determinada pela velocidade instantânea que caracteriza os meios elétricos de comunicação e pela integração sensorial para que esses meios apela.

A cada uma destas configurações ou galáxias corresponde um modo próprio de o homem pensar o mundo e de nele se situar.

Assim, fundado na palavra oral, na sua capacidade de *modulações infinitas* e na sua *proximidade* aos factos de consciência, sentimentos e paixões, o homem de cultura oral está próximo de si e das coisas, preparado para *discriminar* as subtis variações dos seus afectos e para ter acesso a uma rica, densa e multiforme experiência do mundo. Pelo contrário, a palavra escrita, ao privilegiar um sentido único, a vista, reduz a capacidade expressiva e comunicativa da experiência subjectiva do mundo, da sua

densidade e pluridimensionalidade. Composta por elementos móveis, a escrita determina uma consciência *linear*, um método de *segmentação* homogénea, um processo de *fragmentação* das tarefas cognitivas, um modo de vida repetitivo e uniformizante entre indivíduos singulares.

Por outro lado, pela sua riqueza sinestésica e sugestiva, a palavra oral suscita a criatividade de quem fala e de quem ouve, estimula a imaginação, deixa o ouvinte livre para imaginar a seu modo as realidades e acontecimentos de que ela fala, ao passo que a escrita favorece a adopção de um ponto de vista único, desenvolve a uniformidade de quem escreve e de quem lê, suscita a ordenação lógica do discurso permitindo a construção de saberes racionais.

Mas a palavra falada é também uma palavra escutada e, enquanto tal, a cultura oral/acústica supõe um outro tipo de *proximidade*, a proximidade dos homens entre si, isto é, a constituição de fortes relações grupais. É certo que, limitada no espaço pela audibilidade da voz, a palavra oral só percorre distâncias curtas; limitada no tempo pela efemeridade e fugacidade da sua elocução, só permanece em memórias colectivas. Mas, por isso mesmo, os ouvintes tendem a manter-se próximos, ligados entre si por nexos familiares e de estreita convivencialidade, relações tribais ou laços de cidadania (o caso da cidade Grega, limite da democracia) e pela necessidade de manter viva uma memória colectiva.

Já no que diz respeito à escrita, sobretudo quando a sua reproductibilidade é sustentada pela imprensa, a sua

permanência no espaço e no tempo torna possível a constituição de colectividades nacionais alargadas, sociedades dispersas por extensões geográficas consideráveis, permite a constituição regulada de memórias externas, registos, inventários, arquivos de toda a espécie mediante os quais se garante a eficácia judicativa da lei, se criam condições para a extensão da cultura, para a formação um público laico, para a democratização da instrução, para a construção e vulgarização do saber.

Quanto aos meios de comunicação elétrica, a sua *instantaneidade*, a *velocidade* com que a difusão das mensagens é feita, o *carácter massivo da sua recepção* (difusão), não só permite a partilha de experiências distantes e exóticas, como promove um novo tipo de aproximação social, agora em larga escala. Como McLuhan escreve no Prólogo The Gutenberg Galaxy, "A era eletrónica, que sucede à era tipográfica e mecânica dos quinhentos últimos anos, coloca-nos face a novas formas e a novas estruturas de interdependência humana". Por outro lado, o facto de os meios eletrónicos de comunicação, em especial os audio-visuais, se dirigiram de forma directa e envolvente à sensibilidade múltipla do espectador, tem como efeito um apelo à *integração* sensorial, desencadeia uma apreensão pluridimensional e polimórfica, numa palavra, permite restaurar a riqueza expressiva da comunicação oral. Não é pois de estranhar que MacLuhan possa defender que as novas formas de interdependência que a tecnologia eletrónica arrasta consigo estejam, afinal, a

recriar o mundo à imagem de uma "aldeia global" atravessada, e mesmo constituída, por redes altamente complexas de velozes e vibrantes meios de comunicação.

A Escola do futuro

É neste contexto de previsão das consequências futuras que a revolução tecnológica em curso irá desencadear que surgem as breves mas luminosas referências de McLuhan à inevitável transformação da **Escola**. Na verdade, embora a obra de McLuhan esteja toda ela atravessada por inúmeras referências à instituição escolar e às figuras próprias da sua estrutura comunicativa - a lição, o livro, a leitura em voz alta, o ditado, a gramática, o exame, os currícula⁵ - tais noções, enquanto dispositivos escolares, não são objecto de uma tematização desenvolvida e intencional. É apenas no último capítulo de Understanding Media - o texto, justamente, cuja tradução está na origem da publicação deste **Caderno**: A automação. Aprender um modo de vida - que tal acontece de forma mais explícita e consistente.

Tal como hoje a conhecemos, a escola, com os seus currícula segmentarizados, os seus programas

⁵Nos excertos seleccionados de The Guttenberg Galaxy que adiante se apresentam, encontram-se passagens em que se afloram alguns destes tópicos.

especializados, as suas salas sigilosamente separadas, os seus horários rígidos, a sua disciplinaridade estanque, é para McLuhan uma figura irremediavelmente condenada. Co-extensiva com a cultura Guttenberguiana de que constitui uma das mais significativas realizações, a escola - e o tipo de ensino que nela se opera e produz - obriga à apresentação *disciplinada* das ideias em *enunciados formais* de acordo com *conexões lógicas explícitas*, ao estabelecimento de sucessões discursivas *lineares* de que são exemplo maior o equacionamento da realidade no espaço tridimensional de Euclides e as leis de causalidade linear estabelecidas pela ciência moderna. Baseada na lição, na escrita, no livro, na segmentação curricular, a escola tradicional promove uma aprendizagem *sequencial, cumulativa e fragmentária* que vai ter como efeito mais notório a ruptura entre as duas culturas: o humanismo eloquente e erudito e a especialização técnico-científica.

Pelo contrário, segundo McLuhan, a cultura eletrónica, ao proceder por instantaneidade eléctrica e por iluminação súbita dos vários sentidos, faz apelo à percepção global dos dados, à simultaneidade sensorial e à integração intelectual, aponta para uma estrutura interdisciplinar dos curricula, promove a integração dos saberes. Simultaneamente, ao permitir, e mesmo solicitar, a participação activa do estudante no seu próprio processo de aprendizagem, ao colocar à sua frente um universo permissivo onde a exploração imaginativa é livre de estabelecer encontros, aproximações, agregados sugestivos,

redes analógicas insuspeitadas, a escola cibernética do futuro fará desaparecer a antinomia trabalho / lazer.

Em jeito de conclusão

Em termos de História e Filosofia da educação, são três os aspectos que nos parece importante sublinhar.

Em primeiro lugar, a tese de Macluhan segundo a qual as mutações fundamentais na História do Homem são pontuadas, não por grandes acontecimentos políticos, grandes descobertas, invenções ou progressos no conhecimento humano, mas pelo desenvolvimento de determinados canais ou meios de comunicação. Se pensarmos que a escola é, ela também, um meio de comunicação, efeito e simultaneamente causa da constituição racional / discursiva de saberes transmissíveis, percebemos a) porque é que se não pode falar de escola na cultura oral, b) porque é que a escola faz o seu aparecimento em paralelo com a emergência da cultura escrita e c) porque é que a cultura eletrónica deu já origem à escola paralela e vai exigir a morte, ou pelo menos a metamorfose profunda, da instituição escolar tradicional. Por outras palavras, percebemos como é que a **História da Escola** está tão ligada à **História do Homem**.

Em segundo lugar, o facto de MacLuhan vir chamar a atenção para a necessidade de pensar a escola face aos

meios de comunicação e às suas transformações. Quer isto dizer que, se a escola quer continuar a desempenhar o papel decisivo que lhe tem cabido na construção da cultura, tem que levar a sério a revolução mediática em curso, não pode continuar a manifestar perante ela a indiferença gelada e soberana ou a reverência respeitosa e subserviente com que, com raras excepções, tem tentado iludir os desafios que lhe têm vindo a ser colocados.

Aparentemente inofensivos, os media têm efectivamente uma eficácia tanto mais avassaladora quanto, de tão próximos, os seus efeitos se tornam invisíveis. A sua fecundidade sugestiva, a sua capacidade de modelação da opinião, são determinações irrecusáveis cujos efeitos rivalizam, de forma poderosa, com os tradicionais dispositivos com que a escola tem mantido, sobre a consciência dos homens em geral e, em particular, sobre gerações e gerações de "recém-chegados ao mundo" da cultura⁶, uma interferência (acção educativa, papel formativo) cuidadosa e vigilante.

Não se trata de nos dilacerarmos com a questão - obviamente mal colocada - de saber se somos nós que dominamos os media ou se somos dominados por eles mas de perceber em que medida eles nos transformam a nós e às instituições em que estamos habituados a rever-nos. Para lá da denúncia céptica e fundamentalista dos poderes opressivos dos media, ou da defesa ingénua, do elogio apressado, da promessa benévola de uma comunicação cada

⁶ Esta belíssima expressão é de Hannah Arendt (1961) **The crisis in Education, in Between Past and Future: Six Exercises in Political Thought*, New York: Viking Press, pp. 173-196.

vez mais ampla, rápida e global, o que importa à escola é abrir o campo para a análise das novas condições comunicativas que se desenvolveram à sua margem e para o questionamento crítico das suas novas determinações e efeitos.

Por último, da tese central de McLuhan - o Meio é a Mensagem - decorre uma consideração, que o autor não explora, mas que nos parece interessante e importante sublinhar. **O facto de o professor ser - ele também - um meio de comunicação.** Meio no qual se cruzam, porventura da forma mais complexa, rica, profusa e fecunda, tanto a oralidade fundadora de todos os ensinamentos, como a disciplina da produção discursiva racional, como ainda a polimorfia, a instantaneidade e integração que a presença absoluta da sua individualidade introduz no espaço da aula.

Para lá de todos os apoios que o ensino escolar presencial possa buscar no livro, no manual, no compêndio escolar, na sebenta, no ditado, o professor, enquanto meio insuspeitado de comunicação, está condenado a oferecer aos seus alunos tanto a oralidade envolvente, como a discursividade linear, tanto a segmentação das suas competências especializadas, como a globalidade integradora da sua finitude concreta.

Se é certo que o discurso do professor, enquanto meio de comunicação, não detém a velocidade da luz que caracteriza a tecnologia cibernética, é igualmente um facto que a sua voz e a instantaneidade da sua audibilidade na clareira comunicativa que é o espaço da

aula, a polimorfia das diversas linguagens de que se serve, a temperatura do olhar, a postura corporal, os gestos, a entoação, o ritmo da fala, fazem dele o meio privilegiado e **incontornável**⁷ de qualquer ensino.

Numa época em que, como a nossa, os sinais de **mediatização** são cada vez mais poderosos em todo o planeta, num momento em que, como o presente, a sociedade portuguesa dá sinais de estar a ser sujeita a um processo de **mediocratização** cada vez mais preocupante, não nos parece legítimo que se possa continuar a **pensar a educação** - e tal pressupõe, necessariamente, que a pensemos não apenas hoje mas também ontem e amanhã - sem questionar o papel dos media, em especial da televisão⁸.

À História e à Filosofia da Educação compete-lhes estarem atentas, interessadas e disponíveis para questionar o passado, compreender o presente e ajudar a construir o futuro.

⁷ Insubstituível portanto, a nosso ver, quaisquer que sejam os progressos da futura tecnologia elétrica da comunicação.

⁸ Como MacLuhan explicitamente afirma na introdução à segunda edição de Understanding Media, a televisão coloca a criança em estado de inferioridade cultural que, além do mais, torna difícil a sua adaptação ao meio pedagógico tradicional.